A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO MEDIADO POR PLATAFORMAS DIGITAIS

Erza Baptista Arnoso
Universidade Federal da Paraíba
Rubem Barbosa de Medeiros Neto
Universidade Federal da Paraíba

INTRODUÇÃO/OBJETIVO: Este trabalho apresenta os resultados parciais da pesquisa de Iniciação Científica (UFPB/PROPESQ) com recursos do CNPq (2025-2026), intitulado: "A Precarização do Trabalho mediado por Plataformas digitais: A crise e o Brasil na divisão internacional do trabalho". Faz interface com o projeto de pesquisa de produtividade CNPq, intitulado: Crise e dependência: fatores contra restantes nas políticas econômicas brasileiras a partir de 2016, sob coordenação de nossa orientadora. Esse Plano de Trabalho se articula com o Projeto de doutorado “Microtrabalho no Brasil: gestão algorítmica e precarização na plataforma Amazon”, com recursos da Capes. O trabalho fundamenta-se na crítica da economia política, baseada na pesquisa qualitativa e pesquisa bibliográfica. O objeto de estudo é a precarização do trabalho na crise do capital, focado no trabalho mediado por plataformas digitais.

DESENVOLVIMENTO: A pesquisa centra-se em proporcionar entendimento das características operadas pela lógica do capital em um país periférico, como o Brasil. O objetivo da pesquisa debate a precarização do trabalho e busca os vínculos entre a exploração do trabalho no século XXI e as plataformas digitais (Gomes, 2022). O capitalismo, em sua forma atual, encontra novas estratégias para extração contínua de mais-valor (Barros, 2019). Dessa afirmação, compreendemos que a relação entre a tecnologia e o modo de produção capitalista estrutura-se fundamentalmente na exploração: amplia a extração de mais-valia implica no aumento da superpopulação relativa e na absorção da classe trabalhadora em formas precárias de trabalho. Para Katz (1996), a tecnologia é um fenômeno social, que é a materialização dos conhecimentos técnicos e científicos e dos meios de produção, associada à capacidade do homem de transformar a natureza por meio do trabalho. Assim, o trabalho em plataformas digitais é composto por diversas camadas; abrange desde os profissionais altamente remunerados nas grandes plataformas de tecnologia — como Amazon, Google e Microsoft — até milhares de trabalhadores precarizados, como freelancers, motoristas de aplicativo e microtrabalhadores, que atuam sem vínculo empregatício (Gomes, 2025). Segundo dados da PNAD contínua do 4º trimestre de 2022, estima-se que, das 87,2 milhões de pessoas ocupadas, 2,1 milhões realizam trabalho por meio de plataformas digitais de serviços ou obtinham clientes e efetuavam vendas por meio de plataformas de comércio eletrônico no trabalho principal. Estima-se que

1,5 milhão de pessoas trabalham por meio de aplicativos de serviços e 628 mil utilizavam plataformas de comércio (Vasconcelos; Gomes, 2024).

CONCLUSÃO: Ao estudar a realidade em sua totalidade e compreender as categorias de Marx encontradas em suas estruturas, tomamos o método dialético, pois é a partir deste que desmistificamos as formas fetichizadas e naturalizadas às quais configuram o mundo reificado, buscando as determinações concretas da realidade. A pesquisa está em fase de revisão bibliográfica. Aliado à produção de fichamentos e sistematizações, fundamentada na apreensão crítica dos conteúdos e na construção das reflexões dos temas propostos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GOMES, Cláudia. Crise e Dependência: fatores contra restantes nas políticas econômicas brasileiras a partir de 2016. **Projeto de Pesquisa Produtividade CNPq**, 42fs. Chamada CNPq Nº 09/2022.

BARROS, Albani de. **Precarização**: degradação do trabalho no capitalismo contemporâneo. Maceió: Coletivo Veredas, 2019. 147 p. ISBN 978-85-92836-35-1.

KATZ, Claudio. Sete Teses sobre as Novas Tecnologias da Informação. *In*: KATZ, Claudio. **Neoliberalismo ou crise do capital?**. 2. ed. São Paulo: Xamã, 1996.

VASCONCELOS, Thaís Lopes; GOMES, Cláudia Maria Costa. Capitalismo de plataforma: crise, trabalho e lei do valor. O Social em Questão, n. 58, p. 13-36, 2024.